

---

## CONSIDERAÇÕES SOBRE AS HISTÓRIAS INFANTIS E A ANSIEDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

*Livia Márcia Batista*<sup>1</sup>

*Geni Alves de Souza Santos*<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta algumas considerações sobre as possíveis manifestações da ansiedade na primeira infância durante a escuta de histórias infantis, em específico, os contos de fadas. Nas instituições de Educação Infantil as crianças de 0 à 3 anos são colocadas em contatos diários com enredos e personagens das narrativas infantis. O intuito deste estudo foi de investigar se tal recurso tão utilizado pelos profissionais da área educativa poderia provocar possíveis manifestações de ansiedade. O objetivo desta pesquisa é promover uma reflexão em torno do emocional das crianças que reagem com demonstrações de medo a estes estímulos literários. Para a realização da pesquisa utilizou-se a análise bibliográfica com enfoque na literatura psicanalítica.

**PALAVRAS - CHAVE:** Infância; Ansiedade; Educação Infantil; Contos de fadas.

## CONSIDERATIONS ON THE STORIES FOR CHILDREN AND ANXIETY IN KINDERGARTEN

**ABSTRACT:** This article presents some considerations about the possible manifestations of anxiety in early childhood during listening to children's stories, in particular, fairy tales. Kindergarten children, from 0 to 3 years old, are in touch with plots and characters of children's storylines daily. The aim of this study was to investigate whether such a feature, so much used by educational professionals, could cause possible manifestations of anxiety. The objective of this research is to make a reflection on the emotional stability of children who react with demonstrations of fear to these literary stimuli. For the accomplishment of the research, literature analysis was used with focus on psychoanalytic literature.

**KEYWORDS:** Childhood; Anxiety; Kindergarten; Fairy tales.

---

<sup>1</sup> Doutora em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS). Docente do Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). E-mail: lbatista@anchieta.br Tel.: 4527.3452 Ramal: 3512. Cel. (19) 9.9177-8255

<sup>2</sup> É graduada em psicologia pelo Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). E-mail: geniassantos@yahoo.com.br

## CONSIDERACIONES SOBRE LAS HISTORIAS DE LOS NIÑOS Y LA ANSIEDAD DE KINDER

**RESUMEN:** Este artículo presenta algunas consideraciones sobre las posibles manifestaciones de ansiedad en la infancia temprana, mientras escucha las historias de los niños, en particular, los cuentos de hadas de la. En Educación Infantil instituciones los niños de 0 a 3 años se colocan en contacto diario con tramas y personajes de las narraciones de los niños. El propósito de este estudio fue investigar si una acción como la utilizada por los profesionales en el área de la educación podría desencadenar posibles manifestaciones de ansiedad. El objetivo de este trabajo es hacer una reflexión acerca de los niños emocionales que reaccionan con miedo a estas declaraciones estímulos literarios. Para la investigación utilizó la revisión de la literatura se centra en la literatura psicoanalítica.

**PALABRAS – CLAVE:** Niñez; Ansiedad; Educación Infantil; Cuentos de hadas.

### INTRODUÇÃO

Esse estudo objetivou analisar as possíveis manifestações de ansiedade geradas durante a escuta de histórias infantis em crianças menores de quatro anos em contextos escolares.

Os contos são amplamente utilizados com o intuito de despertar o encantamento pelos livros e desenvolver o prazer pelo ato de ler. Percebe-se notoriamente o envolvimento pleno das crianças com este trabalho, mas também manifestam reações de ansiedade, que podem ser acompanhadas de choro intenso, tremores físicos e sinais de medo em algumas crianças.

Unicef (2011) no Guia elaborado pela RNPI (Rede Nacional Primeira Infância) esclarece que a faixa etária das crianças em contextos escolares menores de quatro anos compreende o segmento da Educação Infantil e, esta rede, classifica a faixa etária

especificada na pesquisa como primeira infância. Declara também que a primeira infância é a fase de maior vulnerabilidade e que demanda proteção especial em um ambiente seguro, acolhedor e estimulante.

Este mesmo documento desenvolve a compreensão de que a atenção focada na primeira infância é essencial e estratégica e, que tal proposta se fortalece com base em recentes descobertas da neurociência, das ciências comportamentais e sociais, que enfatizam os impactos de vários níveis de qualidade obtidos ao se dar às crianças uma oportunidade melhor na vida (Brasil, 2010).

Mustard (2010) definiu o conceito de primeira infância como período inicial de desenvolvimento desde a concepção até os 6-8 anos de idade e que por meio da neurobiologia do desenvolvimento, compreende-se melhor como as experiências no início da vida interferem nas diferentes fases do desenvolvimento humano. Sabe-se que um desenvolvimento inicial prejudicado por algum agravante afeta a saúde (física e mental), o comportamento e a aprendizagem na vida futura.

O desenvolvimento humano é verídico desde a existência humana, mas enquanto área de interesse científico surgiu a partir do século XIX cujas tendências se preocupavam com o desenvolvimento infantil respectivamente nos quais a psicologia da época procurava respostas na infância para a existência dos conflitos na vida adulta (Papalia, 2006).

Freud *apud* (Papalia, 2006) explica que a personalidade se forma nos primeiros três anos de vida, a partir dos confrontos entre os conflitos inconscientes, os impulsos biologicamente inatos e as exigências da sociedade e, que tais conflitos ocorrem numa sequência invariável de fases do desenvolvimento psicosexual. Este mesmo autor comenta que Freud defendia em suas pesquisas que o curso dos eventos mentais é invariavelmente regido por uma tensão desagradável, cujo resultado final coincide com a evitação do desprazer ou produção de prazer para atender as necessidades do indivíduo.

Zimmerman (2010) ao analisar a teoria psicanalítica comenta que, Freud em seu trabalho intitulado inibições, sintomas e angústia descreveu a ansiedade como sendo angústia automática ou angústia-sinal, que aparece como sinal de alerta frente aos perigos e, é essa angústia que promove as repressões.

Freud (1996) apud (Zimerman, 2010) afirmava que a ansiedade era o problema central das neuroses. Dessa forma, Freud apresentava uma nova teoria sobre ansiedade com base na hipótese estrutural do aparelho psíquico. Freud acreditava que a ansiedade tinha uma base biológica herdada, onde se dedicou a pesquisar sobre a importância da transformação libidinal na vida psíquica do indivíduo. A ansiedade nestes estudos está relacionada às situações traumáticas e as situações de perigo. Pode definir situações traumáticas como uma situação na qual a psique recebe grande influência de estímulos e não podendo dominá-los automaticamente desenvolve a ansiedade. Tal tendência de reação aos estímulos excessivos Freud chamou de neuroses de angústias. Em um desenvolvimento saudável o bebê desenvolve a ansiedade de alarme, onde a criança aprende a antecipar o começo de uma situação traumática reagindo à ansiedade na tentativa de evitá-la ou combatê-la frente a uma situação de perigo.

O termo Pulsão de morte utilizado por Freud, também foi analisado por Melanie Klein que declara que este impulso energético interno (pulsão) é inato e, se faz presente desde o início da vida do bebê e que ao se manifestarem no psiquismo infantil desperta o que chamou de angústia de aniquilamento como sendo perigo de morte iminente e que para evitar esses medos utilizam os mecanismos de identificação projetiva e o de negação onipotente. Esses objetos internos manifestados no inconsciente estão relacionados entre si e compõem a realidade fantasiosa do psiquismo infantil (Zimerman; 2010, P.49).

Melanie Klein (1934) apud (Zimerman, 2010) publica *Psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, onde pela primeira vez utilizou o termo de posição depressiva. Em 1946 ao relatar os mecanismos esquizoides, aparecem as concepções de posições esquizo-paranoides e o fenômeno da identificação projetiva (Zimerman, 2010, p. 49).

Nasio (1995) explica que os conceitos de posição esquizo-paranoides e depressiva, pesquisados por Melaine Klein estão relacionados à constituição da subjetividade do bebê, e ambas acontecem de forma processual ao longo do desenvolvimento infantil. A posição esquizo-paranoide inicia no nascimento até os seis meses de idade onde o desenvolvimento do eu é determinado pelos processos de introjeção e projeção. Este mesmo autor esclarece que a primeira relação objetal do bebê ocorre com o chamado seio bom ou seio mau e que durante este período os impulsos destrutivos e a angústia persecutória encontram-se fortemente presentes no

interior da criança. Na sequência, desenvolve-se a posição depressiva que se inicia aos seis meses de idade e a relação do bebê com o mundo externo se torna mais diferenciada, devido a sua capacidade de expressar emoções e de se comunicar com pessoas do seu convívio. A criança compreende gradativamente que é ela quem ama e odeia a mesma pessoa, que no caso é a mãe; experimentando a partir desse momento o sentimento de ambivalência e a angústia deixa de ser paranoide e passa a ser depressiva; através da aceitação da perda é que o bebê passa a trabalhar saudavelmente a construção de sua subjetividade.

Segal (1995) ressalta que Melaine Klein elucidou a importância da fantasia e da ansiedade inconsciente na relação da criança com a realidade externa, onde o medo da criança no auge de suas fantasias em relação à figura de seus pais externos quanto dos pais internos que resultou tanto na divisão (splitting) quanto da ação recíproca da introjeção e projeção sendo considerados mecanismos mentais muito ativos em crianças pequenas. Relata também que Klein não distinguiu conceitualmente os sentimentos de ansiedade e culpa, mas reconhece que ambas promovem tanto o crescimento do ego quanto a sua inibição nos casos patológicos (Segal, 1995, p. 20).

Segundo Dicionário Aurélio, (Ferreira, 2010), a palavra ansiedade significa *angústia, aflição, grande inquietude. Também está relacionada com um forte desejo, impaciência, sofreguidão, avidez e na Medicina se refere a um estado psíquico acompanhado de excitação ou de inibição.*

É sabido que tanto a ansiedade como também o medo são considerados patológicos quando são vivenciados de forma exagerada, interferem no dia a dia da criança e em seu desenvolvimento social, emocional e escolar. Já os transtornos de ansiedade, que tem como principal manifestação, um alto índice de ansiedade intensa e persistente, é caracterizada como um estado emocional de apreensão acompanhado por várias reações físicas e mentais (DSM-IV-TR, 2003).

Para Barlow e Durand (2008), teoricamente existe diferença entre medo e ansiedade. Sendo que esta última é caracterizada por um estado de humor orientado para o futuro, ou seja, prever e controlar os eventos que estão por vir. Já o medo é uma reação emocional imediata para o perigo atual, com tendência de ações escapatórias.

Ballone (2007) relata que a ansiedade em sua essência é uma combinação complexa de sentimentos de medo, apreensão e preocupação, geralmente acompanhada

de sensações físicas e que em níveis adequados é considerada saudável. O autor diz que é por causa das questões internas que a ansiedade humana tem sido constante e às vezes patológica e que as ameaças externas não costumam ser tão constantes quanto às internas.

Para Rapee et al (2010) explicam que as manifestações de *medo, apreensão, e ansiedade podem assumir muitas formas diferentes em crianças*. Com base nesses autores, essas manifestações de medo costumam ser parte de um processo normal de desenvolvimento, e quando excessivos, embora sejam em geral temporários, geram preocupações nos pais e demais cuidadores. Para os autores, a ansiedade é o problema mais comum em crianças de todas as idades e outros diagnósticos de transtornos relacionados com a ansiedade apresentam aproximadamente cerca de uma para cada dez crianças e outros temores não menos aflitivos numa proporção ainda maior. Definem a ansiedade como um sofrimento real e que pode exercer uma forte interferência na vida da criança de forma geral, como na família, na vida escolar e no grupo de amizades (Rapee; Spence; Cobham e Wignall, 2010-p. 14 e 15).

A causa da ansiedade em crianças também pode ser de ordem genética e que as mais ansiosas apresentam, de modo geral, uma personalidade mais exacerbada que outras. Também a relação parental e a maneira de lidar ou reagir frente aos desafios pode influenciar sobre o desenvolvimento da ansiedade. Dentre os estressores mais comuns apontam a separação dos pais, violência familiar, questões de luto, ameaças na escola, doenças e outros fatores (Rapee et al, 2010).

Sayão (2013) explica que toda criança sentirá algum tipo de medo durante seu desenvolvimento; seja medo do escuro, de monstros, de perda da mãe. Também comenta que os medos criados por causa da relação com as histórias, servirão de oportunidade para que as reações de medos internos se manifestem. Defende a ideia de que seja favorável para a criança vivenciar tais situações para aprender a reconhecer os sinais e a diferenciá-los entre a sensação de medo que protege da sensação de risco e com isso desenvolver mecanismos próprios de reação.

Em relação aos contos de fadas, sabe-se que no início de seu surgimento, estes não eram destinados ao público infantil e que a partir dos escritos de Charles Perrenault na França (séc. XVII), dos irmãos Grimm Jacob e Wilhelm na Alemanha (séc. XVIII), com os contos de Hans Christian Andersen (séc. XIX) e principalmente com as

releituras de Walt Diney na América (séc. XX) que facilitou a compreensão dos contos e acesso ao público infantil (Mattar, 2007).

Segundo Coelho apud (Mattar, 2007), torna-se imprecisa datar a origem dos contos de fadas na literatura escrita; pois inicialmente sua transmissão era oral e o registro material dos contos de fadas aparece no princípio do século VII.

Cashdan (2000) aponta que *originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em ambientes onde os adultos se reuniam- não nas creches*. Somente no século XIX que os contos de fadas se transformaram em literatura infantil e, isto só foi possível, por conta dos vendedores ambulantes que viajavam pelos povoados vendendo seus produtos por preços acessíveis à população.

A crença de que tais contos ensinam didaticamente lições de vida é um “mito”; mas auxiliam as crianças a lidarem com as “lutas internas” que fazem parte da vida cotidiana e aponta alguns critérios para se trabalhar com este recurso, dos quais se refere à capacidade e vontade das crianças em manifestar suas angústias emocionais, bem como o envolvimento e o modo de conectar os contos com as necessidades reais das crianças (Cashdan, 2000, p.20).

Vieira (2005) comenta que existe divergência entre profissionais que são contra e outros que são a favor do uso dessas narrativas com crianças. Para os que são contra, justificam que as situações de violências que aparecem no decorrer do enredo, a *personificação do bem e do mal, as soluções fantasiosas e mágicas para problemas mais complexos e que a quantidade de tensão emocional, provocada pelo contato com as narrativas, pode proporcionar às crianças uma visão negativa da realidade*. Acreditam também que *para as crianças mais ansiosas ou sensíveis pode provocar sofrimento e angústias que poderão influenciar em sua vida futura, gerando medo e insegurança*.

Bettelheim (2007) relata que *a Psicanálise ofereceu as maiores contribuições ao analisar os significados dos contos de fadas em relação aos conteúdos encobertos do consciente, pré e inconsciente das crianças*. Apresenta em seus escritos que a Psicanálise desmistificou a inocência e a simplicidade do mundo da criança e as histórias são lidas por descreverem um mundo cheio de experiências, de amor e também de destruição, selvageria e ambivalências. A necessidade de compreensão da própria vida é o resultado

de um longo processo de maturidade psicológica, que não é alcançada com uma idade específica e nem com a maturidade cronológica, mas sim como resultado de um longo desenvolvimento, onde o indivíduo busca o significado da própria vida de acordo com o que a sua mente e compreensão já se desenvolveram. À medida que se desenvolvem, são capazes de entender as pessoas de sua convivência e podem se relacionar com eles de forma satisfatória e significativa. Para não ficar a mercê dos acasos da vida e encontrar um significado profundo e relevante, deve-se desenvolver seus recursos interiores, fazendo com que sua imaginação, emoções e intelecto se enriqueçam mutuamente. Sentimentos positivos dão força para desenvolver a racionalidade, a esperança no futuro que poderá sustentar o indivíduo frente às frustrações encontradas durante seu desenvolvimento natural.

De acordo com Bettelheim (2007) e Corso (2006) a maior contribuição desse tipo de literatura é para o emocional. Desenvolvem a capacidade de fantasia infantil, fornece escapes falando com os medos internos das crianças, suas ansiedades e ódios, como vencer a rejeição, conflitos com a mãe, rivalidade com irmãos ou sentimentos de inferioridade. Ambos comentam que as histórias aliviam as pressões exercidas por estes problemas, auxiliam na recuperação, dando-lhes coragem e lhes mostrando que sempre é possível encontrar alguma solução para seus conflitos. Os temas apresentados são apreciados pelas crianças, pois elas se sentem entendidas e apreciadas em seus sentimentos, esperanças e ansiedades sem que ela seja obrigada a contar com uma racionalidade que está aquém dela. Para que a história realmente prenda a atenção da criança e dê acesso ao significado mais profundo, ela deve despertar a curiosidade e estimular a imaginação, desenvolvendo assim seu intelecto e suas emoções.

Maricato (2005) defende a ideia de que as histórias compõem um excelente recurso para despertar o prazer de ler, mas não se refere especificamente as situações estressoras que desencadeiam os sintomas de ansiedade na primeira infância.

É sabido que o texto literário narrativo propicia aos leitores experimentar uma vivência simbólica por meio da sua imaginação e também do contato com o texto escrito ou pelas ilustrações. Por isso, permite ao leitor organizar sua função psíquica com o que foi vivenciado e a sensibilidade que lhe é peculiar (Faria, 2010, p.19).

Este assunto acha-se cada vez mais crescente e comprovado sua eficácia na área pedagógica e utilizado diariamente nas instituições de Educação infantil, porém com



poucas pesquisas na área da Psicologia sobre a possibilidade de existir possíveis transtornos causados pela reação de medo e ansiedade em contato com tais histórias e em específico os contos de fadas.

A relevância social deste estudo está na desmistificação dos conceitos e compreensão dos aspectos relacionados com esta temática a fim de propiciar aos demais profissionais da área psicológica bem como educativa, uma forma de intervenção assertiva para beneficiar os alunos durante este período de desenvolvimento.

## CONCLUSÃO

Durante os anos trabalhados por uma das autoras como professora da rede pública e especificamente no segmento de Educação Infantil, sempre utilizou-se a contação de histórias como recurso de trabalho pedagógico por acreditar no fascínio que as personagens e os enredos despertavam nas crianças. *Sempre me preocuparam as reações de medo e angústias manifestadas por alguma criança no grupo. Estes episódios se repetiam com muita frequência, aumentando assim o meu desconforto; mas embasada nas teorias pedagógicas que incentivam o uso de tal recurso, me mantive na utilização dos mesmos.*

Quanto ao tema abordado sabe-se que, o assunto encontra-se cada vez mais crescente e comprovado sua eficácia na área pedagógica como recurso literário para o domínio do letramento e utilizado diariamente nas instituições de Educação Infantil. O mesmo não acontece no campo emocional porque poucas são as pesquisas na área da Psicologia.

Com base nas pesquisas sobre a teoria de Melanie Klein, (Bettelheim, 2007) e (Corso, 2006) constataram-se que o contato com este estilo literário provoca possíveis manifestações de ansiedade porque os conteúdos apresentados vão de encontro com os conteúdos internos da criança em análise. Embora Bettelheim não faz referência ao critério idade para expor as crianças em contato com os contos, verificou-se que as crianças menores de três anos estão vivenciando internamente a estruturação egóica e transitando entre a teoria das posições, as relações objetais, a ansiedade persecutória, o

medo da separação, luto e as fantasias de identificação e projeção citadas ao longo do texto.

Verificou-se com este trabalho que a ansiedade infantil está presente desde o nascimento; pois já existe ego incipiente para experimentar as manifestações de ansiedade, e formar relações objetais de ordem primitiva na fantasia e na realidade; sendo esta descoberta apontada na teoria de Melanie Klein e mencionada por (Nasio, 1995) e por (Segal, 1995).

Bettelheim, Corso e Cashdan afirmaram que os contos favorecem a identificação projetiva dos sentimentos das crianças pequenas com os conflitos simbólicos dos personagens das histórias trabalhadas. Enquanto terapeuta, Bettelheim afirma que os contos são boas ferramentas terapêuticas para se trabalhar com crianças, mas recomenda que estas tenham condições de refletir minimamente sobre os conteúdos apresentados.

Vale retomar a fala de Rapee et al (2010) que as ameaças externas não costumam ser tão constantes quanto às internas e definem a ansiedade como um sofrimento real e que pode exercer uma forte interferência na vida da criança de forma geral, como na família, na vida escolar e no grupo de amizades. Esse confronto emocional faz com que as reações sejam de total desconforto gerando medo, choro e as reações fisiológicas, e que na prática de uma das autoras, foram observadas durante a escuta de tais histórias em crianças sensíveis. Constatou-se que quando a criança ansiosa, sensível, sofre com os efeitos dos estressores, o impacto com estes aumentará ainda mais a sua crise de ansiedade.

Para os estímulos externos necessita-se realizar um acompanhamento sobre as condições em que as crianças são colocadas diariamente em contato com tais enredos para observar se os profissionais que fazem uso deste recurso conseguem identificar as manifestações de medo nas crianças e se propiciam amparo emocional para amenizar o nível de estresse, das crises de angústia e ansiedade.

Como a faixa etária das crianças desta pesquisa compreende as crianças caracterizadas como primeira infância, de 0 à 3 anos, então pressupõe que os profissionais que fazem uso deste recurso, deveriam compreender as etapas do desenvolvimento emocional para que saibam identificar através das reações de ansiedade e medo quais os conteúdos psíquicos estão latentes durante a escuta de tais contos. Cashdan aponta que é necessário selecionar criteriosamente qual história irá

trabalhar, como envolver as crianças nessas histórias, que tipo de pergunta fazer para relacionar os contos de fadas com as necessidades emocionais das crianças e sempre considerar a capacidade e a vontade da criança para explorar seus conflitos internos.

Espera-se que os estudos realizados auxiliem no uso consciente de tais histórias pelos profissionais que atuam tanto em contextos escolares como também em clínicas de atendimento psicoterápico visando o desenvolvimento global de forma saudável para as crianças dessa faixa etária, elucidando uma prática pedagógica amparada de forma assertiva com o conhecimento científico. Também importante para outros profissionais que se interessam pelo assunto para que possam desenvolver algum programa de prevenção específico para a faixa etária.

## REFERÊNCIAS

- BALLONE, G. J. *Ansiedade*. In Psiqweb, internet, disponível em <http://www.psiqweb.med.br/revisto> em 2007. Acesso em: 23 de abril de 2013.
- BARLOW e DURAND, David H. e V. Mark. *Psicopatologia: uma abordagem integrada*. 4 ed. São Paulo: CENGAGE Learning, 2008.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 21ª ed. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BRASIL. *Plano Nacional pela Primeira Infância*, 2010.
- Disponível em: [www.viablog.org.br](http://www.viablog.org.br).
- CASHDAN, Sheldon. *Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: Como os contos de fadas influenciam nossas vidas*. Tradução Maurette Brandt- Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CORSO, D.L.; CORSO, M. *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DSM-IV-TR. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini dicionário da Língua Portuguesa*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MARICATO, Adriana. *O prazer da leitura se ensina. Criança*. Brasília. s/v, n. 40, p. 18-26, set. 2005;

MATTAR, Regina Ribeiro. Os contos de fadas e suas implicações na Infância. [Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia]. Bauru: UNESP- Campus Bauru; 2007

MUSTARD, JF. *Desenvolvimento cerebral inicial e desenvolvimento humano*. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, Boivin M, eds. *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [on-line]*. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2010:1-5.

Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/MustardPRTxp.pdf>. Consultado em 13/05/2013.

NASIO, J. –D. *Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995.

PAPALIA, Diane E. *Desenvolvimento humano*; tradução Daniel Bueno- 8ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RAPEE, Ronald M.; SPENCE, Susan H.; COBHAM, Vanessa; WIGNALL, Ann. *Transtorno da Ansiedade na Infância*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2010.

SAYÃO, Roseli. *Medo que dá medo*. Folha de São Paulo- Colunista-Publicado em 02/04/2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/6/nº125>.

Consultado em 28-07-2013.

SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.1995.

UNICEF; *Guia para a elaboração de planos municipais pela primeira infância* / Rede Nacional Primeira Infância - Salvador: UNICEF, 2011. 52 p.

Disponível em versão eletrônica no site da RNPI. Consultado no dia 23-07-2013.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. *O papel dos Contos de Fadas na Construção do Imaginário Infantil*. Criança. Brasília. s/v, n. 38, p. 10-11, Jan. 2005;

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999; reimpressão 2010.